

Saberes em saúde: A ótica afro-indígena na assistência em saúde coletiva

Knowledge in health: The optic afro- indigenous in collective health care

Conocimiento de salud: La perspectiva afro-indígena sobre la atención de la salud pública

Recebido: 23/11/2021 | Revisado: 30/11/2021 | Aceito: 06/12/2021 | Publicado: 15/12/2021

Tábata Ranieri da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1421-550X>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: aspirantetabata@gmail.com

Andreia Neves de Sant'Anna

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0748-2079>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: anetanna22@gmail.com

Resumo

A presente resenha tem por objetivo de interpretar e analisar a obra, “A Ialorixá e o Pajé”, da escritora Maria Stella de Azevedo Santos, lançado em 2018 pela editora Solisluna, na perspectiva do cuidar e nas relações interpessoais entre profissionais da assistência à saúde e os cuidados oferecidos através das plantas na cultura indígena e africana. A obra discute ainda o racismo nas relações profissionais que a visitadora sanitária Maria Stella enfrentou em sua trajetória profissional. Marcada por uma leitura sem termos técnicos, o livro pode ser apreciado por profissionais da área de saúde, público infante juvenil, leitores que se interessem por interdisciplinaridade no cuidar, racismo e cuidados indígenas. Soma saberes para a área do cuidar em saúde, fitoterapia, racismo, enfermagem além de contribuir para busca de conhecimentos em cultura dos cuidados indígenas. Como metodologia aplicada, optou-se por realizar uma análise interpretativa do livro e suas respectivas mensagens.

Palavras-chave: Indígena; Fitoterapia; Saúde; Enfermagem; Racismo.

Abstract

This review has to objective to interpret analyze the work, "A Ialorixá e o Pajé", by writer Maria Stella de Azevedo Santos, released in 2018 by Solisluna, from the perspective of care and interpersonal relationships between health care professionals and the care offered through of plants in indigenous and African culture. The work also discusses racism in professional relationships that health visitor Maria Stella faced in her professional career. Marked by a reading without technical terms, the book can be appreciated by health professionals, children and adolescents, readers interested in interdisciplinary care, racism and indigenous care. It adds knowledge to the area of health care, herbal medicine, racism, nursing, in addition to contributing to the search for knowledge in the culture of indigenous care. As applied methodology, it was decided to carry out an interpretive analysis of the book and its respective messages.

Keywords: Indigenous; Phytotherapy; Health; Nursing; Racism.

Resumen

Esta revisión tiene como objetivo interpretar y analizar el trabajo, "A Ialorixá e o Pajé", de la escritora Maria Stella de Azevedo Santos, lanzado en 2018 por Solisluna, desde la perspectiva del cuidado y las relaciones interpersonales entre los profesionales de la salud y el cuidado ofrecido a través de las plantas en la cultura indígena y africana. El trabajo también discute el racismo en las relaciones profesionales que la visitante sanitaria Maria Stella enfrentó en su carrera profesional. Marcado por una lectura sin términos técnicos, el libro puede ser apreciado por profesionales de la salud, público juvenil infantil, lectores interesados en la interdisciplinariedad en el cuidado, el racismo y la atención indígena. Conocimiento soma para el área de atención de salud, fitoterapia, racismo, enfermería además de contribuir a la búsqueda de conocimiento en la cultura del cuidado indígena. Como metodología aplicada, se decidió realizar un análisis interpretativo del libro y sus respectivos mensajes.

Palabras clave: Indígena; Fitoterapia; Salud; Enfermería; Racismo.

1. Introdução

A obra “A Ialorixá e o Pajé”, da autora Maria Stella de Azevedo Santos - Mãe Stella de Oxóssi, foi lançada no ano de 2018, na Bahia, pela editora Solisluna, com 28 páginas. A obra apresenta-se com capa dura, podendo ser adquirida em sites de internet e/ou livraria com preços que variam de R\$ 43,92 a R\$ 54,90. O exemplar possui páginas de 23 cm x 28 cm, de toque

suave que facilitam o manuseio pelo leitor. As páginas apresentam-se com coloridas ilustrações de Enéas Guerra, que acompanham a ideia de cada mensagem que a autora transmite.

A obra não possui temporalidade determinada, porém sua atualidade temática não implica no entendimento proposto pela autora. O livro é dividido entre a fase introdutória, onde a autora narra sua atuação enquanto profissional de saúde e visitadora sanitária. Após, ela realiza uma passagem por sua infância e formação colegial. Seguindo a ordem do texto a autora descreve como foi atuar frente a cultura indígena em determinado atendimento domiciliar, que realizou enquanto visitadora sanitária. Nas páginas finais da obra a autora, Maria Stella discorre sobre a importância da relação entre a aceitação e o respeito às diferenças étnico culturais no atendimento em serviços de saúde.

“A Ialorixá e o Pajé”, chama atenção para a questão das relações interpessoais e trocas de saberes entre uma visitadora sanitária e o membro de uma tribo indígena, o pajé¹.

Outra temática presente na obra de Maria Stella é a postura racista e discriminatória de profissionais da enfermagem com relação a uma cultura e forma de cuidar diferenciada, referente à cultura indígena. A autora expõe que o conhecimento pode ser oriundo de diferentes cuidadores e com o conhecimento pode-se inclusive relacionar os cuidados entre as culturas do cuidar e suas técnicas.

A aptidão do profissional de saúde para compreender e conviver com diferentes culturas e tradições do cuidado, também é salientado nas linhas da obra, além da discussão sobre plantas e sua usabilidade na cultura indígena e na religião de matriz africana, o candomblé. O livro apresenta-se com uma narrativa linear, em alguns momentos a autora escreve na primeira pessoa, porém a maior parte do livro versa na segunda pessoa. Somando saberes para comunidade acadêmica a interpretação desta obra e intencionalidade da autora em difundir sua atuação em determinado contexto da área de saúde, neste caso, a área de saúde coletiva. Realizando um levantamento de temas atuais e relevantes não apenas para área de saúde, mas para demais comunidades que também recebem atendimento domiciliar de algum profissional de saúde.

O objetivo central deste estudo é realizar a análise interpretativa, a partir da descrição da intencionalidade da autora, em suas colocações. Justificando-se esta resenha, por analisar criticamente, com isso a ampliação da discussão sobre atendimento a população indígena, preconceito, racismo e fitoterapia a partir de um relato de história da vida da própria, autora Maria Stella de Azevedo Santos.

2. Resumo da Obra

A autora inicia a obra, realizando uma breve apresentação de sua vida pessoal e profissional enquanto visitadora sanitária e as orientações transmitidas à população que atendia nas comunidades, como Santos (2018, p. 6) “foram muitos anos educando pessoas para que cuidassem bem dos seus corpos”. Também é possível apreciar o relato sobre a epidemia de gripe asiática, que atingiu a Bahia, e acometeu até mesmo a própria autora. Neste contexto, Maria Stella expõe que a referida epidemia acometia a população independente de suas características étnico-raciais, assim como Santos (2018, p.8), “a epidemia não poupava ninguém”.

A segunda parte da obra, a autora segue narrando como era ser negra, criada em uma família de afrodescendentes e participar de ambientes com maioria expressiva de pessoas de cor branca.

Nas páginas onde é possível apreciar o grupo escolar de Maria Stella, a autora cita o racismo como algo que não a atingia ou não era percebido pela mesma, porém no decorrer da leitura esta ideia é refutada pela própria autora.

A terceira parte da obra, Maria Stella retoma a escrita sobre a atuação profissional, discorrendo sobre o atendimento a uma criança de descendência indígena, onde ela deparou-se com um pajé realizando um ritual, em sua residência. Segundo Santos (2018, p. 12), “nada tinha a ver com o que tinha aprendido na Escola de Medicina”, os cuidados oferecidos por este cuidador, que eram totalmente diferentes dos recebidos em sua formação. Porém o fato de associar sua vida profissional a sua

vida religiosa fazia com que esta profissional da saúde pudesse apreciar e respeitar os cuidados fornecidos por uma cultura diferente da sua e de sua capacidade técnica.

Para Santos (2018, p. 14), “ambos aprenderam e ensinaram um ao outro”, e o livro retrata a troca de saberes sobre plantas e tradições religiosas do candomblé e na cultura indígena, entre o pajé e a enfermeira. O livro ainda soma saberes sobre a descrição de plantas no idioma iorubá e em tupi guarani.

Porém, esta relação de troca tão amigável entre cuidadores de culturas tão diferentes não ocorre entre os demais membros da equipe de profissionais da saúde. Nesta fase da obra já é possível apreciar os apontamentos levantados pela autora, com relação ao racismo e o preconceito com uma nova cultura.

Contudo, Santos (2018, p. 20), “era compreensível o preconceito, mas não era aceitável. Formar um conceito de algo que não se conhece, e ainda se dar ao luxo de criticar, nunca pode ser aceitável”. A autora instiga o leitor a refletir criticamente sobre o tema, cuidar x preconceito,

Maria Stella segue enfatizando que diferentes culturas apesar de desconhecidas entre si, devem ser respeitadas, entendidas e estudadas, pela sociedade e pelos profissionais da área de saúde. Não cabendo ao profissional que atua diretamente na assistência à comunidade julgamentos e pré-conceitos.

Maria Stella encerra a obra recordando-se dos deuses indígenas que conheceu com o pajé e faz alusão também a alguns deuses africanos. Ao término da obra, intitula-se a autora, sendo, Santos (2018, p. 28), “uma mulher que sorri para vida, pedindo sempre que a vida sorria para todos de volta”.

3. Metodologia Aplicada

Após a leitura da obra para serem embasadas as observações e apontamentos pela autora, foi adotado o estudo qualitativo com técnica de análise interpretativa. Por se tratar de uma técnica de análise de dados segura e que permita a validação dos dados, para às exposições e colocações da autora, além de permitir o levantamento de pressupostos e a interpretação reflexiva por parte do pesquisador. A predileção pelo modelo qualitativo deu-se por aproximar-se do pressuposto estudo com relação aos grupos. Seguindo o exposto por Bosi e Gastaldo (2021), “a pesquisa qualitativa pode aumentar os estereótipos e a estigmatização de que sofrem os grupos social”. De acordo com Severino (2013), “é a abordagem do texto com vistas à sua interpretação, mediante a situação das ideias do autor”. Com isso as ideias expostas pela autora Maria Stella foram alinhadas e serviram como pressupostos para análise do texto abordado.

Segundo Severino (2013), “interpretar, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar ao autor a um diálogo, [...], enfim dialogar com o autor”. Para Ginzburg (2007, p. 12), “alguns dos rastros que um texto (qualquer texto) deixa atrás de si”, são indiciários a busca de explicações e associações da história, e através deste processo de busca e pesquisa, que foi desenvolvido o estudo sobre a obra de Maria Stella. Adotou-se a leitura e o levantamento dos pequenos indícios em sua obra dos pontos que a autora aborda como o racismo, o preconceito com o cuidado indígena e o desdenho por parte dos outros profissionais da área de saúde.

A partir desta abordagem foi verificada a intencionalidade da autora Maria Stella, após realizada a leitura minuciosa com o levantamento dos pressupostos e as ideias apontadas nas entrelinhas da obra. Ao tratar-se de intencionalidade do autor, Koch (2004, p. 51), “refere-se como os diversos modos como os sujeitos, usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas”. E através desta técnica, Maria Stella pode discutir suavemente temas tão peculiares e densos, como o pré-conceito racial e discriminação étnico-racial, tendo ainda como a explanação sobre ervas e sua utilidade na cultura indígena e afrodescendente.

Os conceitos adotados para que ocorresse a discussão, apoiou-se no uso da articulação entre o *habitus*, *campos* e *capital simbólico* de Pierre Bourdieu, alicerçando-se ainda em outros conceitos do próprio autor, para análise e interpretação textual da

obra de Maria Stella. Pierre Bourdieu foi um sociólogo e filósofo francês, que abordou constantemente como pano de fundo de suas obras as práticas sociais e a estruturação de seu caráter. Este, segundo Jourdain e Naulin (2017), “persegue, no entanto, uma reflexão mais acadêmica sobre a sociologia e o papel da ciência”, servindo como orientações e seus conceitos como base para análise interpretativa deste material.

Através da definição do *habitus* por Bourdieu, encontra-se a justificativa na leitura da autora Maria Stella e corrobora para o entendimento na forma de agir de diferentes agentes em sua colocação textual. Para Bourdieu (1996), “*habitus* é um corpo socializado, corpo estruturante, corpo que incorporou as estruturas [...] imanentes de um mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção como a ação nesse mundo”. Ou seja, os agentes são formados por suas concepções adquiridas no campo e por seu pertencimento intelectual.

Para essa avaliação e percepção do *habitus*, faz-se necessário associar o exposto, pelo historiador italiano, Ginzburg (1989), “examinar os pormenores mais negligenciáveis”, para então podermos observar minuciosamente as posturas, as condutas, o agir e pensar de determinado grupo. Para tanto faz-se necessário a verificação do grupo relatado na obra de Maria Stella, objetivando identificar as ações dos atores das ações do cuidar, do racismo e da troca de saberes.

Ao discutir o conceito e definição de campo, adotou-se no estudo a definição exposta pelo sociólogo francês, Bourdieu (2004), “lugar de confronto entre agentes que buscam manter ou alcançar posições mais elevadas”. Para tanto, articular os agentes presentes no campo destacado por Maria Stella, entendendo como campo a área do cuidar e o atendimento domiciliar pelos profissionais de saúde em determinada área, neste caso, o geográfico, abordados na obra, “A Ialorixá e o Pajé”.

Além de referenciar a apropriação do campo pelos agentes, em sua narrativa, fica claro a posição dos agentes quando é possível entender que as formas de agir dos agentes podem ser diferenciadas de acordo com o campo em que estão inseridos ou atuando, ainda que seja no mesmo campo, sendo desta forma explicado por Bourdieu (1996, p. 49), “a diferenciação social, que pode gerar antagonismos individuais e, às vezes, enfrentamentos coletivos entre os agentes situados em posições diferentes no mesmo espaço social”. Tornando mais uma vez a evidenciar que a atuação e a postura de todos os agentes envolvidos em determinada situação, podem variar de acordo com a posição que todos ocupam, seja econômica, intelectual etc.

Mediante esta relação entre os agentes e o campo, observa-se então o poder simbólico impregnado nestas ações, dos agentes e em determinado campo. Poder simbólico este definido por Bourdieu (2004, p. 9), como “poder de construção da realidade que tende a estabelecer o sentido imediato do mundo, em particular do mundo social”. Trazendo à luz a atuação em sociedade do agente com base no poder simbólico aplicado ao *habitus* e ao campo. Justificando desta maneira a colocação do reconhecido sociólogo referido acima, que a atuação de determinado agente em campo, está intrinsecamente relacionado a sua bagagem de poder simbólico e a sua aplicação em campo, Bourdieu (2001, p. 14), “o poder de construir, de ver e fazer crer de confirmar ou de transformar a visão do mundo”. Porém em nada explica que não possa ser questionável, a atuação do agente, quanto a sua intenção e moralidade.

A associação dos conceitos de base e a contextualização com base na obra da autora Maria Stella, no campo da sociologia, possibilitou a análise interpretativa e crítica no material apresentado e a elaboração da conclusão deste estudo.

Foram adotados e respeitados os preceitos éticos para elaboração de estudos com base na Lei dos Direitos Autorais n. 9.610/1998 (Brasil, 1998). A referida lei trata e dispõe sobre a consolidação dos direitos autorais, da autorização e atualização sobre os direitos autorais, além de promover outras providências. No capítulo IV, que aborda os direitos autorais e sua aplicabilidade temporal, ainda assim, segue respaldada no Artigo 32, (Brasil, 1998), “que trata sobre a reprodução na imprensa diária ou periódica, de notícias uso de artigo informativo, publicado em diário ou periódicos, com menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde forem transcritos”.

Por tratar-se de uma resenha crítica, sem a abordagem direta de nenhum ser humano, dado o levantamento, a busca e os resultados de maneira bibliográfica, justifica-se desta maneira a não utilização nenhum Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. Resultados e Discussão

A principal exposição da autora Maria Stella é a capacidade de aceitação e compreensão de diferentes culturas na transversalidade do cuidado, presente na cultura indígena, na cultura africana e na cultura acadêmica, onde as três podem se encontrar em um único prisma, sem a desvalorização de nenhuma entre si. Maria Stella enfatiza na obra sua atuação como profissional de saúde e suas atividades em uma comunidade onde deparou-se com uma cultura e concepção do cuidar, diferente da que tinha acesso. Quando exposto na obra a necessidade de aceitação que o povo indígena possui uma ritualística do cuidar, Maria Stella vai de encontro ao exposto nas diretrizes de atendimento à população indígena, segundo Brasil (2009, p. 71), “as diretrizes da Política Nacional de Atenção a Saúde dos Povos Indígenas é respeito às concepções, valores e práticas relativos ao processo saúde-doença próprio de cada grupo indígena”.

A ideia da interculturalidade presente na fala de Maria Stella, também está presente quando Nascimento (2017), “a interculturalidade pode ser vista como um diálogo entre grupos com culturas distintas e que o diálogo é a força motriz na resolução de conflitos[...]”. Esse apontamento segue embutido nas linhas de Maria Stella, quando a escritora destaca a importância do respeito a troca de saberes, Santos (2018, p. 14), “ambos aprenderam e ensinaram um ao outro, mas também riram muito”. Pontuando que a interculturalidade pode ser um ganho prazeroso para todos os agentes envolvidos, nas diferentes culturas.

Com isso, vem somar reforços, a aplicação do ensino da história e cultura indígena, na intenção através do conhecimento, de minimizar a discriminação e o racismo intelectual aos indígenas, com isso, Silva e Silva (202, p. 71), “a efetivação da Lei n. 11.645 de 1 de março de 2008, tornando obrigatório o estudo da história e culturas afro-brasileira e indígenas nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio [...]”. Apesar da existência legal do ensino de tais culturais no ambiente escolar, paira a dúvida se esta aplicação ocorre de fato em todas as unidades escolares do território brasileiro. Uma lacuna que poderá ser preenchida por outros estudos correlatos que se apropriem deste como subsídio.

A autora traz a discussão nas entre linhas de sua obra, o pressuposto sobre o respeito ao cumprimento de atenção à saúde indígena, que corrobora também com o art. 19-F incluído na Lei n. 9.836/1999, que segundo Barbugiani (2015), “dever-se-á obrigatoriamente levar em consideração a realidade local e as especificidades da cultura dos povos indígenas, e o modelo a ser adotado para atenção à saúde indígena [...]”. Deixando nesta etapa da obra o questionamento ao leitor sobre a importância da educação intercultural com a intencionalidade de aproximar os agentes e seus componentes culturais, para o aumento da empatia e aceitação/respeito.

A contribuição da autora torna-se pertinente nesta obra, por ser Maria Stella uma grande conhecedora da cultura e da religião de matriz africana, além de suas tradições do cuidar. Segundo Campo (2003), “os traços de personalidade, [...], estão indissociavelmente ligados a cultura religiosa, que lhe dá sentido e ao contexto social e comunitário em que estão inseridos”. Esta exposição coloca a autora Maria Stella não apenas em uma posição de conhecedora da religião de matriz africana, mas como promotora de culturas do cuidar em outra sociedade, a religiosa. Daí então entende-se quando a autora em sua obra discorre como, Santo (2018, p. 12), “[...] sua experiência como “filha de santo” em um terreiro de candomblé, já tinha lhe ensinado a respeitar, e até mesmo reverenciar a sabedoria não acadêmica [...]”. Esta vivência religiosa de Maria Stella fica clara na mensagem transmitida pela autora e justifica nas páginas adiante da leitura de sua obra o entendimento, apesar de não explicar, o “pouco caso”, de outras profissionais de enfermagem, com relação a atuação do pajé.

Segundo Fernandes (2013), “é importante que na prestação de cuidados os enfermeiros tenham um comportamento de respeito e tolerância pela diferença, que sensibilizem os pares e a comunidade para este comportamento[...]”, reforçando esta fala de Fernandes a questão já levantada por Maria Stella. Ao citar a indiferença observada pelas demais profissionais da enfermagem perante seu posicionamento, diante do atendimento domiciliar realizado a uma criança indígena. A inquietação da autora mostra-se respaldada na fala anterior e reforça que tal atitude discriminatória não deve ser perpetuada. Dialogando sobre este posicionamento com Fernandes e Santos, Marcheti e Prado (2020), diz que, “a as diversidades culturais apresentam-se como um dos grandes desafios para a prática profissional do enfermeiro [...]”, explicando com essa leitura o posicionamento dos profissionais ao deparar-se com situações culturais no atendimento em saúde, que dificultam sua atuação, seja por inexperiência ou por falta de empatia. Porém esta dificuldade não deve seguir a adiante, devendo o profissional adotar postura ética, empática e humanizada ao atendimento intercultural.

Conjecturando desta maneira a importância prévia do conhecimento intercultural ainda na formação escolar de base, o que facilitaria a percepção do profissional já na fase acadêmica.

A obra é datada de 2018, e sua atualidade no contexto do preconceito e do cuidado, trazem a obra uma discussão que pode atravessar vários anos mesmo após sua publicação. O livro passa veracidade em suas informações, por retratar uma experiência vivida como visitadora sanitária, pela própria autora, e cumpre seu propósito ao levantar a questão do preconceito com relação à cultura indígena. Sendo assim, Souza e Borges (2019, p. 92), “é notável a resistência do poder da cultura europeia dominante em países colonizados, mesmo após as tentativas de desmantelá-lo”.

A autora descreve os fatos ocorridos, porém não analisa amplamente a discussão acerca do preconceito dos profissionais para com os demais atos de cuidar empíricos ou não de outras culturas. De acordo com o exposto pode-se atrelar o apontamento de Maria Stella com “uma predominância de uma orientação para as práticas e conhecimentos biomédicos, ignorando, e às vezes desrespeitando, as concepções e práticas indígenas” (Garnelo L et al. 2019).

Os argumentos utilizados pela autora são convincentes e bem aceitos por serem pauta de discussões na atualidade, que beiram o contexto racial e discriminatório, porém a escritora não dialoga com outros autores para corroborar suas concepções, limitando-se apenas a transmissão de seu relato de vida. É possível compreender a mensagem que a autora pretende passar e associar a literaturas existentes que contextualize suas ideias, porém a obra “A ialorixá e o Pajé”, não possui as referências que a autora contemplou para elaboração de seu texto.

A temporalidade em que são apresentados os relatos não obedecem a uma ordem cronológica. Ocorre a apresentação da autora por sua aposentadoria, fase adulta/profissional, infância e retorna a fase adulta. Esta ordem pode dificultar o entendimento cronológico dos fatos e até mesmo confundir o leitor acerca do período em que está sendo narrado tal acontecimento. Em contrapartida as ilustrações acompanham claramente o texto e sua apresentação. A abordagem visual através das ilustrações prende a atenção do leitor durante a apreciação da obra. As ilustrações reforçam a ideia transmitida pela autora, segundo Andersen (2016), “as imagens, por terem uma característica de mensagem aberta, necessitam que o texto limite a amplitude dos significados que elas possam refletir”, porém as ilustrações transmitem uma mensagem coerente e apesar de possuírem textos correlatos a imagem, não são textos logos e tão pouco refletem ideia antagônica a imagem.

A discussão sobre a utilização de plantas e ervas na cultura indígena e na cultura africana, soma saberes na área da fitoterapia. Valorizando o uso de técnicas naturais na assistência à saúde. Esta abordagem dá-se de forma bastante ilustrativa, onde cada planta é apresentada por textos e ilustrações das mesmas, além de informar sua aplicabilidade em saúde. Ao estender essas informações ao leitor, Maria Stella entrelaça a abordagem natural em atenção à saúde.

De acordo com Filho (2020), “é inegável o crescimento mundial do uso de plantas medicinais e/ou fitoterápicos para o tratamento das mais distintas moléstias que afligem o homem”. Dialogando com isso a relevância da discussão sobre a aplicabilidade do uso de plantas na assistência em saúde.

4. Conclusão

Esta resenha crítica, buscou discutir e articular as colocações da escritora, sanitaria e intelectual Maria Stella de Azevedo Santos, sobre temas tão atuais, exposto na obra a “A Ialorixá e o Pajé”. A referida obra elenca não só profissionais de saúde, como também uma população, a indígena, recebendo atendimento em saúde e o atendimento em saúde coletiva.

O enfrentamento de situações discriminatórias advindas de outros profissionais frente ao desconhecido saber popular ou culturalmente diferente foram abordados de forma clara pela autora. A obra, “A Ialorixá e o Pajé”, prende a atenção do leitor por se tratar de um tema tão atual frente a discussões que envolvem, discriminação étnico racial, preconceito e interdisciplinaridade. Além de abordar com uma linguagem de fácil entendimento atrelada às coloridas ilustrações, as temáticas apontadas pela autora. Dentre as pontuais contribuições desta discussão sobre a obra de Maria Stella, encontra-se os diversos momentos da leitura em que o leitor se encontra sob reflexão de situações questionáveis através de posicionamentos dos étnico-raciais de profissionais de saúde e na contramão desta posição, a apreciação do leitor de uma relação de respeito e empatia por parte da sanitaria (profissional da área de saúde) e do pajé.

A posição defendida pela autora é a de que a comunidade acadêmica e os profissionais das mais diferentes áreas devem se atentar aos cuidados oferecidos a uma determinada comunidade e permitir que ocorra a promoção de saúde, com suas respectivas tradições e ritos do cuidar em saúde.

O leitor não necessita de nenhum tipo de conhecimento prévio para que possa entender a mensagem transmitida pela autora. A originalidade da obra torna a leitura muito aprazível, trazendo como benefício a reflexão sobre a interdisciplinaridade do cuidar, os cuidados indígenas com saúde e a discussão acerca de diferentes formas de cuidar.

Maria Stella de Azevedo Santos trás veracidade a obra, por narrar fatos vivenciados por ela própria, sendo a autora profissional da saúde e ialorixá do candomblé. O relato dessa trajetória, sendo detentora de vasto e reconhecido saber do culto afro-brasileiro, da diáspora africana e por sua produção sociocultural, traz ainda mais credibilidade ao texto. A obra foi lançada no mesmo ano de falecimento da autora, marcando com isso a importância da leitura de suas memórias e relatos pessoais, de uma trajetória dedicada ao cuidar, a promoção de saúde, o combate ao racismo e as diferenças étnicas.

A obra possui uma abordagem flexível permitindo interpretações alternativas, porém sem fugir da ideia central, o preconceito com o desconhecido de outras culturas para a promoção da saúde. Bem escrito, o livro se aplica à leitura meramente literária, aos estudiosos da religião de matriz africana e cultura indígena, além de servir para estudiosos que buscam a perspectiva do cuidado e promoção de saúde em saúde coletiva/comunitária.

Referências

- Alves, A. M. (2018). *Maloca das suas medicinas e sua relação com o pajé ARYWKA* (Dissertação de Mestrado). Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Andersen, E., (2016). *Linguagens, Leituras, mídias e ensino*. Timburi, SP: Cia do Book.
- Barbugiani, L. H. S. (2015). *Planos de saúde: doutrina, jurisprudência e legislação*. Coleção Direito Econômico. São Paulo, SP: Saraiva.
- Bosi, M. L. M. & Gastaldo, D. (2021). *Tópicos avançados em pesquisa qualitativa em saúde: fundamentos teórico-metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus.
- Bourdieu, P. (2001). *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2004). *Coisas Ditas*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Brasil (1998). Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Regula Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências no âmbito da administração pública federal. Brasília, DF. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm
- Brasil (2009). Fundação Nacional de Saúde. *Lei Arouca: A FUNASA nos 10 anos de saúde indígena*. Brasília, DF: FUNASA.
- Campos, V. F. A. (2003). *Mãe Stella de Oxossi: perfil de uma liderança religiosa*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

- Fernandes, I., & Lippo, H. (2013). *Política de acessibilidade universal na sociedade contemporânea*. Porto Alegre, PR: Textos & Contextos.
- Filho, V. C. (2020). *Fitoterapia avançada: uma abordagem química, biológica e nutricional*. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Garnelo, L., Sampaio, S. S., & Pontes, A. L. (2019). *Atenção diferenciada: a formação técnica de agentes indígenas de saúde do Alto Rio Negro*. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ.
- Ginzburg, C. (1989). *Micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL/Bertrand Brasil.
- Ginzburg, C. (2007). *Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Jourdain, A., & Naulin, S. (2017). *A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Koch, I. G. V. (2004). *Introdução à linguística textual*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Marcheti, J. R., & Prado, G. P. (2020). *Práticas de ensino de enfermagem*. 1ed. Curitiba, PR: Appris.
- Nascimento, R. N. F. (2017). *Antropologia, Interculturalidade, e Educação escolar indígena em Roraima*. Curitiba, PR: Appris.
- Sant'Anna, D. B. (2019). *Cidade das águas. Uso de rios, córregos, bicas e chafariz em São Paulo (1822 - 1901)*. São Paulo, SP: SENAC.
- Santos, M. S. A. (2018). *A Ialorixá e o Pajé*. Salvador, BA: Solisluna.
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do Trabalho científico*. São Paulo, SP: Cortez.
- Silva, E., & Silva M. P. (2021). *Ensino da temática indígena e educação para as relações étnico-raciais*. Maceió, AL: Olyver.
- Souza, M. L. G., & Borges, T. R. L. (2019). *Literatura e cultura: ensaios críticos*. Rio de Janeiro, RJ: Letra Capital.